

VIOLÊNCIA CONJUGAL: COMPREENDENDO O FENÔMENO

Larissa Wolff da Rosa

Denise Falcke

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, Brasil

RESUMO

A complexidade do fenômeno da violência conjugal revela a necessidade de analisar as especificidades da dinâmica de funcionamento de casais que a vivenciam, seja sexual, física e/ou psicológica. Partindo desse pressuposto, o objetivo do presente estudo foi compreender a dinâmica do relacionamento conjugal de casais em situação de violência, no que se refere à história da família de origem e do casamento, bem como as estratégias de resolução de conflitos que utilizam. Para tal, foi realizado um estudo de casos múltiplos com três casais da região metropolitana de Porto Alegre. Os casais tinham entre 30 e 45 anos ($m = 37,66$) e estavam juntos há, em média, 18 anos. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e da *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2). Os resultados revelaram que a violência esteve presente sob diferentes formas, sendo exercida por ambos os parceiros. Observou-se a existência de padrões conjugais que favoreciam a eclosão e a perpetuação da violência em seus relacionamentos, levando a identificar a necessidade de intervenções junto a casais em situação de violência conjugal.

Palavras-chave: violência, casal, relacionamento conjugal, família de origem

CONJUGAL VIOLENCE: UNDERSTANDING THE PHENOMENON

ABSTRACT

Conjugal violence is a phenomenon of great complexity and the particularities of its functioning dynamics, being it sexual, physical or psychological ought to be analyzed. Thus, the aim to this study was not only to comprehend the dynamics of conjugal relationships under violent circumstances, referring to the history of the family and marriage, but also the coping strategies that they use. Hence, multiple case studies with three couples from the Metropolitan Region of Porto Alegre were held. They were between 30 and 45 years old, ($a = 37.66$) and were together for about 18 years. Data were obtained from semi-structured interviews and from the *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2). Results revealed that violence was present under different forms and was

committed by both partners. Moreover, it was observed the existence of specific conjugal patterns that favored the occurrence and maintenance of violent acts in their relationships and the necessity of interventions within couples under these circumstances.

Key-words: violence, couple, marital relationship, family-of-origin

LA VIOLENCIA CONYUGAL: LA COMPRENSIÓN DEL FENÓMENO

RESUMEN

La complejidad del fenómeno de la violencia doméstica revela la necesidad de analizar las dinámicas específicas de funcionamiento de las parejas que experimentan, ya sea sexual, físico y / o psicológico. Con base en este supuesto, el objetivo de este estudio fue comprender la dinámica de la relación conyugal de parejas en situación de violencia, con respecto a la historia de la familia de origen y del matrimonio, así como las estrategias de resolución de conflictos que emplean. Un estudio de caso múltiple se realizó con tres parejas de la región metropolitana de Porto Alegre. Las parejas tenían entre 30 y 45 años ($m = 37.66$) y habían estado juntos durante un promedio de 18 años. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semi-estructuradas y *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2). Los resultados mostraron que la violencia estaba presente en diferentes formas de ser ejercidas por ambos socios. Se observó la existencia de patrones maritales que favorecieron la aparición y perpetuación de la violencia en sus relaciones, lo que lleva a identificar la necesidad de intervenciones con parejas en situación de violencia conyugal.

Palabras clave: violencia, pareja, relación de pareja, familia de origen

A conceitualização da violência conjugal envolve uma ampla gama de significados, considerando as diversas possibilidades de expressão que ela assume. Em sentido amplo, a violência conjugal inclui atos de agressão física, assédio psicológico, atos sexuais forçados (Acosta, Gomes, & Barlem, 2013), sendo comum que a violência física ecloda após um histórico de violência psicológica prévia (Colossi & Falcke, 2013; Salis, Salwen, & O'Leary, 2014). Ela pode ocorrer em casais de todas as idades, etnias e classes sociais (Lamoglia & Minayo, 2009).

Algumas terminologias são utilizadas para descrever o fenômeno da violência que ocorre nos relacionamentos íntimos. Os movimentos feministas questionaram a utilização da expressão “violência conjugal”, por ser generalista e pressupor agressões mútuas. A proposta foi de utilização de nomenclaturas como “violência contra a mulher” ou “violência de gênero”, enfatizando a ideia da mulher como vítima e do homem como agressor, numa perspectiva unidirecional (Falcke & Féres-Carneiro,

2011). Para fins desse estudo, optou-se por utilizar a expressão “violência conjugal”, não no sentido generalista, nem pressupondo agressões mútuas, mas entendendo o fenômeno sob uma perspectiva relacional. No entanto, embora este estudo tenha como base a abordagem sistêmica, serão citados autores que trabalham com uma perspectiva de gênero, pois não é possível desconsiderar a relevância dessas investigações.

Ao analisar a violência conjugal, verifica-se que se trata de um fenômeno complexo e multideterminado. Diversos fatores são considerados como de risco para sua ocorrência, dentre eles a experiência de violência na infância, tanto como vítima direta ou como testemunha de agressão entre os pais (Marasca, Colossi, & Falcke, 2013; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Wareham, Boots, & Chavez, 2009). Ainda que a repetição do modelo parental violento seja um fator que possa contribuir para a manutenção de uma relação conjugal conflituosa, não é um fator determinante para a sua ocorrência (Delson & Margolin, 2004; Marasca, Colossi, & Falcke, 2013). Isso significa que nem todos os indivíduos que tiveram experiências de violência na família de origem serão violentos em seus relacionamentos íntimos e nem todos os sujeitos que praticam violência possuem uma história de violência na família de origem (Wareham, Boots, & Chavez, 2009). Um estudo de base populacional (1615 casais) realizado na Universidade de Texas, concluiu que os homens que experienciaram abuso na sua infância são quatro vezes mais propensos a cometer violência conjugal na vida adulta em comparação a homens que não tiveram essa experiência. Nesta pesquisa, as mulheres que tiveram experiência de abuso na infância também estiveram mais propensas na vida adulta a perpetrar a violência ou ser vítima (McKinney et al., 2009).

Além das experiências na família de origem, características de personalidade dos cônjuges, características relacionais, como por exemplo dificuldades de comunicação e de resolução de conflitos, além de questões contextuais (nível de educação, situação de emprego e renda, entre outros) também têm um impacto no relacionamento e podem influenciar negativamente para a ocorrência de violência (Babalola, Gill-Bailey, & Dodo, 2014; Stith & McCollum, 2011). Reforçando a importância dos fatores citados, Day et al. (2003) destacam a repetição do modelo parental violento, vivências infantis de maltrato, negligência, abandono e abuso sexual, casamento como forma de fugir da família de origem, sintomas depressivos, sentir-se responsável pelo comportamento agressivo do companheiro e ausência de uma rede de apoio eficaz.

Considerando que homens e mulheres agredem e são agredidos, por um olhar sistêmico, faz-se necessário o entendimento de como se constrói um relacionamento violento e quais os fatores que influenciam na sua manutenção. Além disso, poucas pesquisas são realizadas com o objetivo de compreender as características relacionais em situação de violência (Alvim & Souza, 2005; Gomes & Diniz, 2008; Neves, Dias, & Paravidini, 2013). Sendo assim, o objetivo deste estudo foi compreender a dinâmica do relacionamento conjugal de casais em situação de violência. Mais especificamente, conhecer as experiências na família de origem e a história do relacionamento conjugal, bem como as estratégias de resolução de conflitos que experienciam em seu relacionamento.

MÉTODO

Trata-se de uma investigação qualitativa com delineamento de estudo de casos múltiplos (Yin, 2005).

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo três casais, oriundos de um estudo anterior que foi realizado com o intuito de mapear as relações conjugais no Rio Grande do Sul (Edital PRONEX/FAPERGS). No primeiro estudo, foram investigados 750 casais e, dentre os que apresentaram indicadores de violência, foram sorteados três para participarem da presente pesquisa. A tabela 1 apresenta as características dos participantes:

Tabela 1
Caracterização dos Participantes (N = 6)

Casal	Nomes fictícios	Idade	Escolaridade	Profissão	Nome dos filhos	Idade dos filhos
1	Ana	30	Ensino Médio	Técnica de enfermagem	Pedro	13
2	André	35	Ensino Médio	Eletricista	Paula	4
	Laura	37	Ensino Superior Incompleto	Dona de casa	Léo	17
3	Lucas	39	Ensino Médio	Mestre de obras	Leonel	4
	Bianca	45	Ensino Superior	Professora	Bia	10
	Bruno	40	Ensino Superior	Segurança do Trabalho		

INSTRUMENTOS

Neste estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos:

(a) Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) (Straus et al., 1996): A CTS2 é o instrumento mundialmente mais utilizado para avaliação da violência conjugal (Relva, Fernandes, & Costa, 2013). No presente estudo, foi utilizada a versão traduzida e adaptada para o português por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002), contém 78 itens que descrevem possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu/sua companheiro/a. Estes formam cinco escalas: 1) violência física; 2) agressão psicológica; 3) coerção sexual; 4) lesão corporal; 5) negociação.

(b) Entrevista semiestruturada: elaborada para o presente estudo, objetivou investigar experiências das famílias de origem, aspectos do relacionamento conjugal (início, história do relacionamento, namoro, decisões tomadas), da dinâmica e estrutura conjugal (papéis, fronteiras e hierarquia), das estratégias de resolução de conflitos.

PROCEDIMENTO

COLETA DE DADOS

Os casais foram selecionados aleatoriamente dentre os que apresentaram indicadores de violência em estudo prévio, que foi enviado ao comitê de ética e aprovado sob o parecer 12/031. Foi realizado contato telefônico e marcado um encontro para a realização das entrevistas em local escolhido pelo casal. A participação foi voluntária e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A entrevista foi audiogravada e transcrita.

ANÁLISE DOS DADOS

Os casos foram analisados em profundidade por meio da Síntese de Casos Cruzados (Yin, 2005). Primeiramente, foi feita uma análise vertical de cada um dos casos (por casal), e depois foi realizada uma análise horizontal, buscando resultados semelhantes e contrastantes dos casos estudados. Como base para a análise dos resultados, foi utilizada a abordagem sistêmica, que focaliza os processos de interação como fundamentais para a compreensão da complexidade da conjugalidade.

RESULTADOS

CASAL 1 - ANA E ANDRÉ

HISTÓRIA DO CASAL

Ana e André se conheceram há 16 anos, por intermédio de uma conhecida. Ana relatou que, em um primeiro momento, não gostava de André: *“Era uma criatura que eu tinha pavor! Passava de carro, mexia, falava besteira com o carro cheio de mulher”*. Iniciaram o namoro e um ano e meio depois noivaram, logo que Ana engravidou do primeiro filho.

Ana refere que, no início do relacionamento, *“era 100% amor, era as mil maravilhas”*, mas depois, com a rotina, ficou tudo diferente. Comenta que sempre sentiu muito ciúmes de André e que tinha atitudes como questionar onde ele andava, cheirar a roupa em busca de perfume feminino e bisbilhotar o celular. Por muitos momentos, durante a entrevista, André mostrou-se irritado com o relato de Ana e com o comportamento da esposa, que fazia caretas atrás dele, ou falava baixinho pra ele não ouvir, principalmente quando se referia a possíveis traições cometidas por ele.

Ana conta que se dedicava muito à família e que tinha um amor incondicional pelo André *“até o Seu André começar naquelas coisinhas de apronta aqui, apronta ali”*. Ana relatou inclusive uma situação em que André começou a mandar mensagens e ligar para uma amiga dela, dizendo que queria sair com ela, mas esta amiga acabou contanto a situação para Ana. Observa-se a mágoa de Ana quando fala sobre isso.

André, neste momento, ignora o que Ana está falando, fingindo não prestar atenção, o que evidencia uma desvalorização dos sentimentos da companheira. Incomodado com as declarações de Ana, chega a sair da sala de vez em quando. Também incomodada, Ana, em um momento, o cobra: “*Por que que tu não tá aqui sentado bonitinho ouvindo a conversa?*”. Irritado, André pega uma faca e começa a cortar uma fruta, que não come. Neste momento, pode-se observar muita agressividade da parte dele. Ele usava a faca com força e, com expressão de raiva, batia com ela na mesa enquanto cortava a fruta. O clima, no ambiente, fica muito tenso, dando a impressão de que André poderia a qualquer momento perder o controle e tomar alguma atitude mais violenta. Ana percebe a situação e, depois de um tempo, retira a faca da mão dele, dizendo que ele não precisava disso.

Depois dos episódios de traição, em especial a situação com a amiga dela, Ana relata que pediu para ele sair de casa e ele ficou uma semana fora, mas no aniversário do filho ele resolveu dormir lá e nunca mais foi embora. Em seguida, ela engravidou. Questionados sobre como lidam com as suas divergências, André disse: “*agora a Ana tá polida, mas ela já pegou roupa minha e tocou pra fora de casa*”. Na entrevista, Ana relata ainda o nível de agressividade de André: “*O André já se jogou na parede, já arrancou porta, já quebrou vidro. Chamar o André de brabinho não, o André tem os surtos dele quando tá brabo*”.

Quanto às famílias de origem, Ana conta que tinha um relacionamento muito bom com o seu pai, que sempre se dedicou aos filhos, ao contrário da mãe. Ela diz: “*Ele é um exemplo de pessoa, sabe? Ele pode ser grosso, ser um animal algumas vezes, pode ser estúpido inclusive comigo, mas é o exemplo que eu tenho*”. Ana relata que esperava de André comportamento semelhante, mas ele refere que é muito parecido com o seu pai, que não costumava ter esse tipo de atitude. Contam que a mãe de André sempre acusava o pai por ser distante e agressivo, embora ele refira que ela não se dava conta do quanto ela é quem provocava as brigas.

Os dados sobre violência conjugal, mensurados por meio da CTS2, apresentam divergências em relação à percepção que Ana e André tem de si e do outro. Quanto à violência física, Ana afirma que já empurrou e já foi empurrada pelo marido, mas André afirma que foi empurrado, mas nunca a empurrou. André refere ter sofrido violência física da sua companheira, como, por exemplo, tapas, enquanto Ana assume já ter dado um tapa em algum momento em André, mas revela ter sido jogada contra a parede com força ou mesmo ter sido segurada com força pelo marido. Além disso, ela também refere que em algum momento já jogou algo no companheiro. Ambos reconhecem a presença de violência psicológica. Com relação à coerção sexual, André relata que, em algum momento, insistiu em fazer sexo com sua esposa, mas sem a utilização de força física. Observa-se, através deste instrumento, que diferentes tipos de violência aparecem concomitantes no cotidiano do casal.

ANÁLISE VERTICAL: COMPREENSÃO DO CASO 1

A história de vida de Ana e André, assim como do relacionamento conjugal, é perpassada pela violência em diversas formas de manifestação. Considerando a história da família de origem de Ana, evidencia-se o pai como seu modelo de identificação, mas, embora o valorize como um exemplo de pessoa, ela também fala que “*ele pode ser grosso, ser um animal*”. Nesse sentido, pode-se perceber que Ana entende a violência como algo naturalizado desde suas interações mais precoces. A mãe de Ana, por sua vez, ocupa uma posição periférica no núcleo familiar. Em relação à figura materna de André, identifica-se que ela assume uma posição passivo agressiva, na medida em que se coloca numa posição de vítima, atribuindo ao parceiro culpa pelas situações que causaram rancor. Percebe-se que, na vida adulta, Ana identifica-se com o pai, tanto no sentido de mostrar-se afetiva, quanto no de utilização da violência como estratégia de resolução de conflitos, da mesma forma em que André parece se identificar com a mãe, mostrando-se passivo enquanto Ana o humilha e desvaloriza, mas extremamente agressivo em termos da ameaça e concretização da violência física. Nesse sentido, observa-se a perspectiva transgeracional de perpetuação da violência (Wareham, Boots, & Chavez, 2009; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Falcke, & Féres-Carneiro, 2011).

No relacionamento conjugal, constata-se que a violência se expressa de diferentes formas, sendo mais evidente na forma de violência física e sexual de André direcionada à Ana, pois já a agrediu com tapas, quebrou objetos ou ameaça fazê-lo e força intercurso sexual em momento que Ana não se mostra interessada, ou de violência psicológica de Ana, que desvaloriza o que André está dizendo, o xinga, humilha e faz ameaças constantes de separação. Nesse sentido, percebe-se a presença dos diferentes tipos de violência, confirmando o que a literatura aponta em relação à dificuldade de identificar casos de um tipo isoladamente (Schraiber et al., 2007). Além disso, evidencia-se a mutualidade da violência no casal, ainda que ela seja exercida de diferentes formas pelo marido e pela esposa, podendo-se pensar em uma perspectiva simétrica e relacional (Straus, 2011), o que remete à necessidade de um olhar sistêmico para a interação conjugal violenta.

CASAL 2 - LAURA E LUCAS

HISTÓRIA DO CASAL

Laura, 37 anos, e Lucas, 39 anos, conhecem-se desde a infância, pois foram colegas na escola e sempre moraram no mesmo bairro. Laura refere que os dois começaram a “*ficar*” quando ela tinha 13 anos e, quando ela tinha 17, eles casaram. Sendo assim, estão casados há quase 20 anos. Aos 17 anos, Laura engravidou, quando ela e Lucas já estavam construindo uma casa. Casou grávida e seus pais não aceitaram muito bem a situação. Comentam que depois que o filho nasceu foi muito difícil, pois

tiveram muitas limitações financeiras nesta época. Mesmo assim, dois anos depois tiveram já o segundo filho.

Os dois relatam que, depois dos primeiros anos de casamento, com os filhos pequenos, tiveram uma crise. Segundo Laura: *“depois que começa um pouco assim, querer fazer um pouco de farrá, né, sair um pouco, daí teve aquela fase”*. Relata que Lucas saía muito, bebia e chegava em casa tarde. Lucas, que, segundo Laura, é de falar pouco (e realmente falou bem menos na entrevista), queixava-se de que, nesta época, os dois não estavam trabalhando, estavam atrapalhados financeiramente e, quando ele chegava em casa, ela estava cuidando das crianças e começava a fazer muitas cobranças, o que o irritava. Laura comenta que os dois brigavam bastante. Diz que é muito alterada, muito brava. Lucas conta que ela explode, perde o equilíbrio. Ela refere: *“Ele já é mais calmo assim, ele não fala muito mesmo assim, então às vezes eu enchia até ele explodir. Algumas vezes, até a gente se agrediu assim, fisicamente, mas não assim de, de arma, não...”*. Segundo os dois, *“só empurrão”*. Tiveram um terceiro filho e, no ano seguinte, perderam o filho mais velho em um acidente automobilístico. Laura e Lucas disseram que os dois melhoraram depois do falecimento do filho. Laura comenta preocupar-se muito com os meninos, pois considera ser muito marcante presenciar brigas entre os pais. Lucas lembra que, logo depois do falecimento do filho, sua mãe também faleceu, o que também contribuiu para que melhorassem. Avaliando o casamento, Laura recorda que eles tiveram momentos muito ruins e que ninguém acreditava que o casamento deles daria certo, mas ela considera que se mantiveram juntos porque também tiveram momentos muito bons.

Investigando o relacionamento com as famílias de origem, Laura assinala que sua mãe era muito brigona, estava sempre brava e que seu pai era alcoolista. Refere que:

Até meus 12 anos assim, eu sempre criei, cresci no meio de briga. Eles brigavam muito e muita agressão assim, depois foi muito difícil, porque daí, com meus 11 pra 12 anos, a agressão era muito... Meu pai deu um tiro na minha mãe, meu pai batia muito na minha mãe, minha mãe era muito ruim pra ele, essas coisa assim... Eu fui criada assim, realmente no meio de uma grande briga.

Ela disse que havia sido criada pra ter tudo, uma vida confortável e estudar, mas de repente tudo mudou. Refere que gostava do Lucas, mas acha que casou principalmente para sair daquela situação que vivenciava dentro de casa. Comparando a própria vivência com a de sua mãe, Laura considera que *“eu sou o reflexo da minha mãe. Sou assim, só que a minha mãe gostava de explodir, de fazer aquilo... Eu já penso que têm eles [os filhos]... Procuro não fazer igual”*. Na mesma direção, ao comparar o relacionamento conjugal dos pais com o seu, Laura acredita que *“nem um terço do que meu pai e minha mãe fizeram a gente teve, sabe? Meu pai e minha mãe brigavam muito feio assim, meu pai deu um tiro na perna da minha mãe”*.

Laura disse que sua mãe também agredia seu pai e que ela costumava sempre ficar do lado do pai. Sobre a atitude de proteger mais o pai, ela diz que isso ocorria pois ele não era violento com ela, ao contrário da mãe. Ela considera que sua mãe era

carinhosa com ela no sentido de dar as coisas que ela precisava, enquanto o pai conversava e era mais afetivo.

Sobre sua família, Lucas indica não lembrar de muita coisa. Comenta: *“Meu pai bebia, mas era só em casa, não era pra sair pra bar e coisa assim, boteco, nunca foi, mas foi sempre bebendo. Então tinha muita discussão, briga, mas nunca de agressão assim”*.

Os dados da CTS2 evidenciam que existem divergências na percepção dos cônjuges em relação aos aspectos perguntados. Em relação à violência física, o casal relatou que já houve episódios em que jogaram objetos um no outro, sendo que a esposa relatou que os dois fizeram isso e o companheiro entende que somente ela teve essa atitude. Além disso, Laura diz que já sofreu alguma torção ou um corte por causa de brigas com o companheiro, afirmando que isso ocorreu com ele também. Lucas afirma que somente a companheira sofreu isso e ele não. Laura também respondeu que algumas vezes foi jogada contra a parede com força pelo companheiro e levou tapas, e ele confirma. Quanto à violência psicológica, Laura diz que frequentemente o casal se xingava e se insultava, no entanto, Lucas entende que a frequência de xingamentos e berros é menor do que a revelada pela companheira, sendo somente ocasional.

ANÁLISE VERTICAL: COMPREENSÃO DO CASO 2

A CTS2 traz mais dados da violência deste casal do que a entrevista. Por meio da escala, observa-se que ocorreram vários episódios de violência psicológica entre o casal e até de violência física, ainda que Lucas tenha minimizado a frequência em relação às respostas de Laura. Talvez a violência fique mais evidente no instrumento, por ele mensurar a cronicidade do fenômeno, ou seja, levar em conta a ocorrência de violência no passado, ainda que ela tenha deixado de ocorrer. Um fato que determinou a mudança do casal em relação à violência que ocorria foi a morte do filho mais velho, que parece ser um fato que propiciou o rompimento das discussões e das brigas mais graves. Segundo o casal, mais especificamente Laura, que fala mais durante a entrevista, a morte do filho uniu o casal e possibilitou que parassem de brigar e aproveitassem mais os momentos em família. Sistemicamente, pode-se pensar que o momento de crise desencadeado pela morte do filho, que poderia gerar estagnação, ao contrário, foi vivenciado como uma oportunidade de promoção de mudanças na dinâmica conjugal e familiar.

Por meio da história de vida do casal, principalmente de Laura em relação à sua família de origem, é possível identificar questões importantes de violência nas suas relações mais precoces. Laura relatou na entrevista que presenciou violência física quando pequena, em um episódio que seu pai chegou a dar um tiro na perna de sua mãe. Laura se identifica com a mãe, e diz que a mãe era bastante explosiva, principalmente com o marido, e que em muitos momentos, provocava até que ocorresse a violência física. Mesmo comportamento que reconhece em si mesma, evidenciando a perspectiva transgeracional de transmissão da violência, o que corrobora a literatura (Marasca, Colossi, & Falcke, 2013).

No relacionamento conjugal, fica evidente que a violência física é mútua, no entanto, o marido minimiza a violência que ele sofre. Pode-se observar que Laura tem o papel mais atuante no relacionamento e relata que, em alguns momentos, perdeu o controle diante da situação, chegando a agredir Lucas. Situações de violência física que ele não reconhece ter sofrido. Observa-se que é mais fácil para Lucas assumir a violência cometida por ele do que a violência sofrida, talvez em função do que seja esperado socialmente para o papel de homem, de marido. Verifica-se que a posição de vítima lhe é desconfortável, ainda que Laura assuma sua posição como vítima e agressora. Esse dado parece refletir a dificuldade masculina em reconhecer sua fragilidade e pedir ajuda nas situações de violência conjugal (Anderson, 2013; Gomes et al., 2007; Hirigoyen, 2006). Além disso, deflagra a necessidade de conceber as implicações de gênero tanto na compreensão das vivências femininas como masculinas em contextos de violência, compreendendo, sistemicamente, os múltiplos papéis que eles desempenham (Gomes & Diniz, 2008).

CASAL 3 - BIANCA E BRUNO

HISTÓRIA DO CASAL

O casal se conheceu na universidade. Eram colegas do mesmo curso e se tornaram amigos. Os dois assumiram o namoro para a família e os amigos no último ano de faculdade do Bruno, depois da formatura de Bianca. Ficaram noivos dois anos depois e casaram com um ano de noivado. Os dois contam que o que apressou o casamento foi a gravidez da filha Beatriz.

Em relação aos conflitos e formas como os casais os resolvem, o casal falou das situações que acontecem de forma geral, não falando deles especificamente, como observa-se na fala de Bruno: *“Porque quantos casais aí, o marido bate na mulher e fica por isso mesmo, sabe... Aqui a Bianca que tem o temperamento explosivo”*. Bianca foi questionada sobre como é este seu temperamento e ela disse: *“Um explode e o outro não explode”* (risos). Bruno disse que não gosta de briga e que isso vem do seu avô materno, que não gostava de gritar, berrar, de bate-boca. Bianca ressalta, no entanto, que o problema em alguns momentos é não conversar: *“A gente teve momentos muito ruins no nosso casamento, mas nenhum deles foi de briga, foi silêncio. Mesmo sabendo que um gosta muito do outro, mas a gente teve problemas de morar na mesma casa e não se falar”*. Ela disse que eles chegaram até a se comunicar por e-mail e depois já nem sabiam mais porque não estavam conversando.

Sobre a sexualidade, logo que chegamos na casa, no início da entrevista, Bruno, de uma maneira divertida, perguntou *“terá perguntas picantes?”* e deu risada. Ainda que fosse divertida, a abordagem direta do assunto talvez possa revelar que esta era uma preocupação de Bruno com o conteúdo que seria abordado. Durante a entrevista, ao serem questionados sobre o assunto, quem começou falando foi Bianca, referindo que a vida sexual já foi melhor no passado e que, na ocasião, não é tão frequente quanto ela gostaria. Cada um atribuiu ao outro a culpa pela falta de maior frequência sexual A

esposa relata que existe uma série de coisas que acontecem, sendo que a demanda da filha de carinho e atenção é uma e outra questão é que ela trabalha de noite e, quando chega em casa, o marido já está dormindo há muito tempo. Ela esclarece que:

O que realmente acontece é uma falta de frequência de ter uma relação sexual por essas coisas que a gente colocou, justamente por eu chegar às 23 horas em casa e tu já tá dormindo, deitado, tapado, aí tu olha uma pessoa que já tá tapada, dormindo, não é uma coisa muito agradável, tivesse esperando, conversar, um vinho, uma coisa assim né, mas tem que ser um pouquinho mais romântico também.

Considerando as experiências na família de origem, Bruno comentou que seus pais são separados há 27 anos e, segundo ele, se dão bem. O pai era alcoolista e, depois da separação, ele ficou com a mãe e não teve mais contato com o pai. Até que 15 anos depois seu pai reapareceu, daí conheceu a neta e os dois começaram a ter uma relação mais afetiva de pai e filho. Comentou que seu pai é uma pessoa interessante, mas que nunca influenciou em sua vida. Quando questionado sobre o que acontecia quando o pai bebia, Bruno relata que ele brigava na rua e ele, com 11 anos, tinha que ir buscá-lo bêbado nos bares, porque sua mãe pedia que ele fosse buscar. Ele contou que já tiveram alguns episódios em que seu pai bateu em sua mãe.

Em relação aos pais de Bianca, ela afirma que atualmente não vivem juntos, mas continuam casados, “*meus pais não se suportam, mas eles não se separam*”. Segundo Bianca, sua mãe quer ficar sofrendo. Relata que, até seus 15 anos, os pais mantinham um bom relacionamento, mas que a partir desse momento percebeu que eles brigavam bastante. Sobre o pai, diz que ele “*é um paizão, mas ele também é muito passional, ele é muito emotivo, ele é do mesmo signo que eu, -então a gente é muito explosivo*”.

O instrumento de violência aplicado (CTS2) identificou a ocorrência de violência sexual e psicológica na dinâmica de relacionamento de Bianca e Bruno, especialmente na análise de Bianca. Ela relata que sempre xinga seu companheiro e que raramente ele faz isso com ela. Quando perguntado para Bruno sobre insultos ou xingamentos, relatou que nunca fez isso com a companheira, mas que sua companheira às vezes o xingou ou insultou. Bianca diz que sempre grita ou berra com o marido e que ele tem esse comportamento somente de vez em quando, sendo que também não foi relatado isso por parte de Bruno. A esposa considera que algumas vezes forçou o companheiro para ter uma relação sexual e que ele também fez isso com ela, o que caracteriza coerção sexual. No questionário de Bruno não se identifica essa ocorrência.

ANÁLISE VERTICAL: COMPREENSÃO DO CASO 3

A violência conjugal fica mais evidente no instrumento do que na entrevista realizada. Pode-se perceber que o casal tenta resolver seus conflitos preponderantemente pela conversa e negociação, mas que, em alguns momentos, quando a resolução do conflito não ocorre, eles se afastam e não buscam mais diálogo.

A estratégia de resolução de conflitos mais utilizada é a de demanda e recuo, na qual um dos parceiros tenta discutir sobre um assunto e o outro o ignora, evita a conversa ou simplesmente se recusa a dialogar (Christensen, 1988). Este padrão é considerado pelos estudiosos da área sistêmica como um dos mais nocivos ao relacionamento e o menos eficaz na solução do conflito, sendo que inúmeros estudos já o associaram a disfuncionalidade no relacionamento conjugal (Eldridge, Sevier, Jones, Atkins, & Christensen, 2007; Shoham & Rohrbaugh, 2002). A ocorrência da violência sexual se faz presente em alguns momentos da vida do casal, como pode ser observado pelos resultados obtidos na CTS2. Na entrevista, não fica tão evidente o fato de um ter forçado o outro a ter relações sexuais, ainda que Bianca declare evidente a sua insatisfação com a frequência sexual. Sua queixa é mais em relação à frequência com que isso ocorre e, pela não ocorrência em alguns momentos, Bianca chega a insultar o marido ou forçá-lo a tomar uma atitude. Bruno não compreende a situação dessa forma e mostra-se desconfortável em relação às questões sobre sexualidade. Ainda que inicie a entrevista fazendo piada com o assunto, mostra-se mais passivo na discussão. Sendo assim, na entrevista, não chega a se caracterizar de forma evidente a violência sexual, mas, pela CTS2, existe a identificação de coerção, especialmente cometida por Bianca. Como ela demonstra-se mais interessada por sexo, parece, de alguma forma, que ela o desqualifica como homem e que pode ter usado de artifícios para coagi-lo a ter relações quando ele não queria. Ele parece se proteger das investidas sexuais de Bianca indo dormir cedo, evitando contato. Constata-se, nesse caso, que, diferente do que prepondera em termos de estatísticas (Kronbauer & Meneghel, 2005), a coerção é exercida pela esposa, também possibilitando o questionamento sobre a tradicional perspectiva de gênero.

ANÁLISE HORIZONTAL DOS CASOS

Algumas semelhanças ficam evidentes nos três casos apresentados, como no que diz respeito à percepção da violência de homens e mulheres. Observou-se diferença em relação a percepções que os maridos e as esposas possuem no que diz respeito à violência no relacionamento. As mulheres perceberam mais a violência no relacionamento do que os homens. Elas assumem mais a violência sofrida e a cometida, enquanto que os homens não a reconheceram de forma tão evidente, especialmente nos casos de violência cometida pela parceira, em que eles estariam na posição de vítimas. Pode-se pensar que os estereótipos de gênero, que impõem ao homem o papel de forte e agressivo, dificultem que eles possam se reconhecer em posição de inferioridade e até de buscar ajuda. Nesse sentido, o estudo revela a necessidade de um olhar atento para o quanto os estereótipos de gênero são prejudiciais a ambos os sexos (Falcke et al., 2009).

Além disso, a naturalização da violência também fica evidente nesses casais, na medida em que não consideram tanto alguns comportamentos ou falas e ameaças como violência. A violência foi bem mais pontuada na escala (CTS2) do que nas falas da entrevista, evidenciando o quanto a violência é mais reconhecida como tal quando há materialidade, sendo negligenciada a violência psicológica (Colossi & Falcke, 2013).

Em uma das entrevistas realizadas, por exemplo, a esposa relata que já houve violência na relação, mas não com tiro. Na fala dela, fica evidente uma desqualificação das diferentes formas de violência, que só poderia ser considerada grave se houvesse algum episódio com arma de fogo, por exemplo.

Identificou-se a ocorrência de vários tipos de violência nos relacionamentos, confirmando estudos já realizados que identificaram que a violência se dá de diferentes maneiras, podendo ocorrer mais de uma forma no relacionamento conjugal (Schraiber et al. 2007). Pôde-se compreender mais a ocorrência de violência na família de origem e o quanto esse padrão se repete na vida dos casais que já conviveram com a violência na infância e a observaram no relacionamento dos pais. Pode-se observar que o fenômeno da violência acaba sendo naturalizado, pois já vivem em um contexto de risco desde quando crianças. A repetição dos padrões ocorre, principalmente quando a identificação da pessoa é com o agressor na família de origem, conforme evidenciado nos relatos dos casos. Agressor que se apresenta ao mesmo tempo como agressivo, mas também como muito afetivo, em alguns casos, como a pessoa com que os participantes mais tinham proximidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência conjugal é um fenômeno complexo e uma questão de saúde pública. Este estudo qualitativo buscou compreender mais profundamente as relações conjugais e a dinâmica de relacionamento de casais em situação de violência conjugal. Pela análise de dados, ficou evidente a complexidade do fenômeno. Observou-se a perspectiva transgeracional, a simetria e mutualidade nas ocorrências de violência, a interação entre os diferentes tipos de violência e a sua utilização como estratégia de resolução de conflitos.

Este estudo não pretende generalizar os dados, mas sim, lançar luz sobre o entendimento do fenômeno que ainda hoje é compreendido preponderantemente a partir de uma perspectiva de gênero. A partir dos dados, evidenciou-se que este fenômeno é sistêmico e relacional, sendo que o homem e a mulher ocupam diferentes papéis no relacionamento conjugal, sendo vítimas e algozes em distintos momentos. Nesse sentido, o estudo contribuiu para que se amplie a compreensão da conjugalidade violenta, dando voz ao casal, a fim de que ambos possam expressar suas vivências. A compreensão da família de origem do casal tem como objetivo compreender o funcionamento destas pessoas desde as suas relações mais precoces e o contexto que cresceu, pois este tem sido identificado como um fator que exerce forte influência no nosso comportamento e na escolha do nosso parceiro quando adultos (Delson & Margolin, 2004; Wareham, Boots, & Chavez, 2009). Todavia, um dos casos evidencia a possibilidade de buscar fazer diferente, fugindo de uma perspectiva determinista em relação à repetição de padrões familiares.

Uma das limitações deste estudo foi a realização de uma única entrevista para a coleta de dados, em vista da dificuldade em abordar temática de tão grande complexidade em um contato inicial com os participantes. Para futuros estudos

qualitativos, sugere-se que se planejem mais encontros para a realização da coleta de dados, assim como recomenda-se que futuras pesquisas sejam realizadas em contexto terapêutico, para investigar melhor a violência em um *setting* onde se poderia abordar o assunto de forma mais aprofundada, podendo assim, pensar em ações e intervenções que possam ajudar o casal a romper com essa dinâmica de relacionamento violenta.

REFERÊNCIAS

- Acosta, D. F., Gomes, V. L. O., & Barlem, E. L. D. (2013). Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher. *Acta Paulista de Enfermagem, 26(6)*, 547-553.
- Alvim, S. F., & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: Homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática, 7(2)*, 171-206.
- Anderson, K. (2013). Why do we fail to ask “why” about gender and intimate partner violence? *Journal of Marriage and Family, 75*, 314-318.
- Babalola, S., Gill-Bailey, A., & Dodo, M. (2014). Prevalence and correlates of experience of physical and sexual intimate partner violence among men and women in Eastern DRC. *Universal Journal of Public Health, 2(1)*, 25-33.
- Christensen, A. (1988). Dysfunctional interaction patterns in couples. In P. Noller & M. A. Fitzpatrick (Eds.), *Perspectives on marital interaction* (pp. 31-52). Philadelphia: Multilingual Matters.
- Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. *Psico, 44(3)*, 310-318.
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria, 25(1)*, 9-21.
- Delson, C., & Margolin, G. (2004). The role of family-of-origin violence in men's marital violence perpetration. *Clinical Psychological Review, 24(1)*, 99-122.
- Eldridge, K. A., Sevier, M., Jones, J., Atkins, D. C., & Christensen, A. (2007). Demand-withdraw communication in severely distressed, moderately distressed, and nondistressed couples: Rigidity and polarity during relationship and personal problem discussions. *Journal of Family Psychology, 21*, 218-226.
- Falcke, D., & Feres-Carneiro, T. (2011). Reflexões sobre a violência conjugal. Diferentes contextos, múltiplas expressões. In A. Wagner (Org.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisa e reflexões*. Porto Alegre: Artmed.
- Falcke, D., Oliveira, D. Z., Rosa, L. W., & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos, 2(2)*, 81-90.
- Gomes, N. P. G., & Diniz, N. M. F. (2008). Homens desvelando as formas da violência conjugal. *Acta paulista de Enfermagem, 21(2)*, 262-267.

- Gomes, N. P., Diniz, N. M., Araújo, A. J., & Coelho, T. M. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(4), 504-508.
- Hirigoyen, M. F. (2006). *A violência no casal: Da coação psicológica à agressão física*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Kronbauer, J. F. D., & Meneghel, S. N. (2005). Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Revista de Saúde Pública*, 39(5), 695-701.
- Lamoglia, C. V. A. & Minayo, M. C. S. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: Estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 595-604.
- Marasca, A. R., Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Violência conjugal e família de origem: uma revisão sistemática da literatura de 2006 a 2011. *Temas em Psicologia*, 21(1), 221-243.
- McKinney, C. M., Caetano, R., Ramisetty-Mikler, S., & Nelson, S. (2009). Childhood Family Violence and Perpetration and Victimization of Intimate Partner Violence: Findings From a National Population-Based Study of Couples. *Annals of Epidemiology*, 19(1), 25-32.
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised conflict tactics scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-176.
- Neves, A. S., Dias, A. S. F., & Paravidini, J. L. L. (2013). A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, 25(11), 73-87.
- Pournaghash-Tehrani, T., & Feizabadi, Z. (2009). Predictability of physical and psychological violence by early adverse childhood experiences. *Journal of Family Violence*, 24, 417-422.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Costa, R. (2013). Psychometric Properties of Revised Conflict Tactics Scales: Portuguese Sibling Version (CTS2-SP). *Journal of Family Violence*, 28(6), 577-585.
- Salis, K. L., Salwen, J., & O’Leary, K. D. (2014). The predictive utility of psychological aggression for intimate partner violence. *Partner Abuse*, 5(1), 83-97.
- Schraiber, L. B., D’Oliveira, A. F. P. L., França-Junior, I., Diniz, S., Portella, A. P., Ludermir, A. B., Valença, O., & Couto, M. T. (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 41(5), 797-897.
- Shoham, V., & Rohrbaugh, M. J. (2002). Brief strategic couple therapy. In A. S. Gurman & N. S. Jacobson (Eds.), *Clinical handbook of couple therapy* (pp. 5-25). New York: Guilford.
- Stith, S. M., & McCollum, E. E. (2011). Conjoint treatment of couples who have experienced intimate partner violence. *Aggression and Violent Behavior*, 16, 312-318.

- Straus, M. A., Hamby, S. L., Buncy-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scale (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*(3), 283-316.
- Straus, M. (2011). Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: Empirical evidence and implications for prevention and treatment. *Aggression and Violent Behavior, 16*, 279-288.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Wareham, J., Boots D. P., & Chavez, J. M. (2009). A test of social learning and intergenerational transmission among batterers. *Journal of Criminal Justice, 37*, 163-173.

Sobre as autoras

Larissa Wolff da Rosa é mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e psicóloga do Hospital Tacchini de Bento Gonçalves.

Denise Falcke é docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

E-mail de correspondência: dfalcke@unisinos.br

Recebido: 22/11/2013
1ª revisão: 10/02/2014
Aceite final: 05/03/2014